

PRODUZIR O CORPO LATINO:
Ficção como tecnologia somática em
José Maria Torres Caicedo (1875)

PRODUCIR EL CUERPO LATINO:
La ficción como tecnología somática
en José María Torres Caicedo (1875)

CEZAR AUGUSTO OLIVEIRA CAMPARIM¹

Data em que o trabalho foi recebido: **01/02/2026**

Data em que o trabalho foi aceito: **15/06/2026**

¹ É mestrando no Departamento de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS), graduado pela mesma instituição no curso de Licenciatura em História. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). E-mail: cezarcamparim@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8150-0652>

PRODUZIR O CORPO LATINO:

Ficção como tecnologia somática em José Maria Torres Caicedo (1875)

RESUMO

O seguinte artigo busca produzir uma arqueo-genealogia do conceito de raça na obra *Mis Ideas y mis Principios*, do intelectual colombiano José Maria Torres Caicedo. A partir de um aporte teórico da análise de discurso, buscamos demonstrar as relações explicativas sobre a produção de uma racialidade latina durante o século XIX, relacionando uma leitura da ficção enquanto tecnologia discursiva sobre o corpo e as suas possibilidades. Assim, nos desdobramos sobre a obra em si, bem como a os autores e as conexões que a tornam possível, observando a produção de um ramo próprio do pensamento humanista que interliga uma tradição liberal e uma razão universal transcendental católica. Lendo como o humanismo, enquanto aporte teórico, produz em uma alopólitica, a definição de si bem como do outro, inumano em uma condição de desvio à marcha natural. Concluimos que com a contribuição do conceito de dispositivo para ler a noção de Fraternidade no autor, entendendo seus limites e consequências discursivas.

Palavras-chave: Humanismo; Raça latina; Análise do discurso.

PRODUCIR EL CUERPO LATINO:

La ficción como tecnología somática en José María Torres Caicedo (1875)

RESUMEN

El siguiente artículo busca producir una arqueogenealogía del concepto de raza en la obra *Mis Ideas y mis Principios* del intelectual colombiano José María Torres Caicedo. A partir de un aporte teórico de el análisis del discurso, buscamos demostrar las relaciones explicativas sobre la producción de una racialidad latina durante el siglo XIX, relacionando una lectura de la ficción como tecnología discursiva sobre el cuerpo y sus posibilidades. Nos centramos en la obra en sí, así como en los autores y conexiones que la hacen posible, observando la producción de una rama específica del pensamiento humanista que interconecta una tradición liberal y una trascendental razón universal católica. Leer cómo el humanismo como aporte teórico produce, en una alopólítica, la definición tanto del yo como del otro, inhumano en condición de desviación de la marcha natural. Concluimos con el aporte del concepto de dispositivo para leer la noción de Fraternidad del autor, comprendiendo sus límites y consecuencias discursivas.

Palabras claves: Humanismo; Raza latina; Análisis del discurso.

INTRODUÇÃO

A somateca não é uma propriedade privada nem um objeto anatômico, mas um arquivo político vivo no qual se instituem e destituem formas de poder e de soberania. A redução da somateca ao corpo anatômico com suas inscrições genitais sexualizantes ou a redução da cor da pele à diferença racial são alguns dos nós górdios inerentes à epistemologia petrossexorracial da modernidade. O gênero, o sexo, a sexualidade, a raça, a deficiência... não são simplesmente conceitos ou ideologias. São tecnologias de poder que produzem a somateca que somos. (Preciado, 2022, p. 45-46).

Muito se fala hoje das raças, da influência das raças, de seu antagonismo radical, de sua próxima fusão e outras mil abstrações. Em primeiro Lugar, é preciso não confundir o que são as raças puramente ditas e as sub-raças, com o que constitui as nacionalidades. As primeiras são obras da natureza; as outras nascem dos diversos atos do poder humano. (Caicedo, 1875, p. 167).²

José Maria Torres Caicedo inicia seu texto “*Caracteres de las razas preponderantes*”, determinando dois conceitos: raça e de sub-raça. Datado em 1859, ele levanta temas como o âmbito natural da raça; a inferência empírica das raças biológicas; a ligação ontológica entre latinidade e a Europa; uma origem caucasiana como progenitora de outras raças; e o mais importante, uma relação entre raça, reprodução e excepcionalidade.

Caicedo cria um mundo ficcional que se encaminha para um fim³, nessa elaboração, encaixa-se a raça e sua taxonomia – a ordem de um corpo que se reproduz. A latinidade de Caicedo liga-se em um fio condutor no qual é encontrado um conflito antagonico; uma indicação de origem; uma cronologia; e um horizonte de futuro. A ficção somática de que me aproximo é uma que se reproduz, não como propagação hereditária e lenta do gene, mas enquanto imaginário, o fantasma que assombra a narrativa de Caicedo talvez tenha escapado de sua escrita e esteja presente agora, no *display touchscreen*, no monitor do *desktop* e nos cabos de fibra óptica que enredam o corpo a seus significados e simulacros, não produz apenas uma ficção para si, mas coaduna uma leitura de latinidade que, com suas diferenças e semelhanças, bem cabe em sua posterioridade.

Proponho ler as considerações de Caicedo sobre raça e sub-raça, em uma rápida genealogia de quais leituras ele se apropriou para costurar o corpo latino, e que funções opera

² Tradução própria do original em espanhol.

³ Busco um aporte teórico que dialogue não apenas com a historiografia, mas com a própria investigação de um imaginário. Caminho por onde trilharam autoras como Donna Haraway (2023), com a sua capacidade de compreender a relação entre ficção e projeção discursiva por meio do conceito de ficção especulativa. Referindo-me a um jogo que a autora elabora enquanto fabulação especulativa e a capacidade de pensar outros futuros como um devir que transforma, leio a potencialidade da imaginação de um futuro que, em seu oposto, institui a violência a partir da ficção.

este, dentro de sua própria narrativa, bem como o que é este espaço fora da latinidade, qual o espaço negativo, quais exceções a definem, e a que se opõe para se concretizar. Em seguida, farei um rápido mapeamento sobre a possibilidade desse enquadramento e quais suas origens narrativas – lendo aqui as relações do autor, as instituições e mecanismos que tornam sua leitura possível.

Assim, é estabelecida uma genealogia discursiva e não uma contextualização da intelectualidade latino-americana, em uma desnaturalização – ou um “descentrar-se”, como coloca Butler (2022, p. 10) – do humanismo masculinista e dos dispositivos produtores do sujeito: sexual e racial. Retomo as noções de uma nova história intelectual e a perspectiva da pesquisa histórica em paralelo com o fazer arqueo-genealógico. Com isso, diálogo com os autores Michel Foucault (2008), Judith Butler (2022), Margareth Rago (2020), não apenas enquanto aporte teórico, mas também como referencial de metodologia genealógica no qual o trabalho se baseia, ou melhor, por onde o olhar é treinado.

O recorte do trabalho se dá pelo imaginário formulado por José Maria Torres Caicedo e as obras que articula para chegar a ele: *Mis ideas y mis Principios* vol. I (1875); *Mis Ideas y mis Principios* vol. II (1875); *Mis Ideas y mis Principios* vol. III (1875) Para fins didáticos, o recorte deste texto compreende temas que limitam-se apenas ao primeiro volume de *Mis Ideas y mis Principios*. Todos foram publicados em Paris e escritos em espanhol. Dado o caráter diverso e extenso das obras, realizei um recorte sobre os temas que nos interessam, sendo utilizado o Reconhecimento de Caractere Óptico⁴ (OCR) (Adobe Acrobat⁵) para uma busca de termos que acompanham o recorte temático. A pesquisa realizada selecionou os seguintes termos chaves : “Familia”, “mujer”, “reproduccion”, para compreender o olhar do autor sobre a constituição de uma ordem familiar e de produção de gênero; “raza”, “criolo”, “mulato”, “negro”, “índio”, “latino”, “anglo-sajon”, “caucasiano”, “blanco”, para compreender os termos

⁴ A ferramenta OCR, como explicitado, é um mecanismo de reconhecimento de texto exercido por programas que buscam interpretar e relacionar a imagem enquanto padrões que se repetem e, então, relacioná-los a um padrão que é reconhecido enquanto texto. Destaco que estes programas não fazem uso de programas ou de códigos relacionados às Inteligências Artificiais Generativas, mas sim ao processo de treinamento, ou aprendizado, da máquina para que reconheça padrões. É dessa discussão que surge a importante consideração sobre a ferramenta em sua especialização na língua inglesa durante seu treinamento, uma vez que o processo se dá enquanto reconhecimento repetido de padrões, é comum que os programas reconheçam melhor as línguas e padrões nos quais foram treinados mais repetidas vezes, nesse caso, no inglês e devanagari, nos respectivos polos de desenvolvimento da ferramenta Estados Unidos e Índia. Para um aprofundamento acerca da discussão ver mais em: S. Srivastava, A. Verma and S. Sharma, "Optical Character Recognition Techniques: A Review," 2022. IEEE International Students' Conference on Electrical, Electronics and Computer Science (SCEECS), BHOPAL, India, 2022, pp. 1-6.

⁵ Versão utilizada do programa: Adobe Acrobat Pro Dc - 2020.006.20042

biológicos que o autor utiliza ao referir-se à racialidade; “fraternidade”, “igualdad”, “desigualdad”, “libertad”, “imigración”, “cristiana”, “moral”, “evangelio”, “indústria”, universal, para compreender alguns conceitos frequentes em seu pensamento e que estão associados à noção de projeção de futuro; e “américa”, “áfrica”. “oriente”, para compreender os pensamentos que o autor retoma acerca da colonização e suas consequências. Adiciono ainda alguns termos referentes a autores citados repetidas vezes, dos quais buscamos um mapeamento de suas citações, como: Lamarche; Napoleon; Washington; e Bolívar.

META TAXONOMIA

Há uma cisão ontológica para compreender os conceitos de raça e sub-raça em **Mis ideas y mis principios** (1875), partindo de um âmbito que denomina “natural” em relação ao primeiro e a uma ordem “social” referente ao segundo. Ainda que em um primeiro momento estes muros apareçam sólidos, veremos que, por vezes, o autor abre perfurações nesta edificação, de maneira que há uma interferência natural sobre o social e uma interferência humana sobre o transcendente. A noção de uma raça natural é formulada em uma miríade de leituras dos grandes nomes da biologia ocidental europeia, retomando o naturalista francês, Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, os escritos do antropólogo e zoólogo alemão, Johann Friedrich Blumenbach, e o também naturalista, francês, Jean-Baptiste-Pierre-Antoine de Monet, chevalier de Lamarck. Tomemos o caso do zoólogo alemão para compreender melhor como aparecem essas categorias essenciais (Caicedo, 1875, p. 167),

Blumenbach enumera cinco raças humanas, que se subdividem em uma infinidade de sub-raças; são: a caucasiana ou branca, a etiópica ou negra, a mongólica ou amarela, a americana ou vermelha, a malaia ou negro-amarela. As duas grandes sub-raças podem-se dizer que são a americana, que quase se confunde com a mongólica, e a malaia, que participa da mongólica e a caucasiana.⁶ (Caicedo, 1875, p. 167)

Há uma subdivisão de cinco grupos principais que demonstrariam um lugar de prioridade, para apenas três grupos taxonômicos, aparentemente, primários: a raça caucasiana, a etiópica e a mongólica. A ordem de disposição desta categoria não se dá ao acaso, a raça caucasiana será retomada diversas vezes em um lugar de origem de outras, inferindo a uma dinâmica de derivação, onde uma raça passa lentamente à forma de outra de maneira evolutiva.

Ainda sobre a caracterização das determinações naturais da raça, Buffon torna-se presente para determinar os valores que diferenciam estas categorias. Nesta leitura, as raças não seriam determinadas sobre o formato do crânio, mas estariam em um lugar de determinismo climático, alimentício e nos costumes, ou seja, Caicedo quebra com a escola de pensamento da

⁶ Tradução própria do original em espanhol.

frenologia, para a compreensão da raça relacionada a uma hierarquia na função social de costumes culturais e morais, determinados por um ambiente onde se desenvolvem (Caicedo, 1875).

Chamo a atenção a esta dinâmica – na qual a biologia de Lamarck já é perceptível – que põe em movimento uma derivação da espécie, ocorrida dentro do ambiente caótico. A racialidade é afetada pelo ambiente em uma próxima geração, de maneira que ele interfere tanto em sua anatomia, bem como nos seus modos de organização e disposição em uma hierarquia moral. A noção de uma repetição de costumes, tarefas, disposições e dietas que garantem uma hereditariedade suave destas características, também reforça uma leitura do paradigma francês da história natural. E é justamente desse aporte que Caicedo faz um uso mais central para caracterização da racialidade biológica. Isso resultará ainda em outras instâncias, como na constatação de uma origem em comum do homem, que vem de um lugar específico, da raça Caucasiana, como espécie e como civilização, assim Caicedo comenta que:

De todas estas raças, a iniciadora é, sem dúvida, a caucasiana: ela, disse Lamark, não foi domesticada, nem governada por nenhuma outra raça nem sub-raça; se destacou nas ciências e em outras artes; pregou e propagou a ideia de um Deus único, criador; a ela pertencem Moises, Jesus, Maomé. Ela vem constituindo os governos mais regulares (Caicedo, 1875, p. 168).⁷

Essa leitura serve aqui à uma explicação que coaduna com um transcendental cristão e universal, que garante às diversas raças um elo de mesma origem. O autor ancora um signo de diferença em uma mesma origem, a origem universal é então uma origem ontológica da criação divina, ao que compreendemos em seu próprio pensamento, enquanto a origem das raças naturais. Esta origem ainda garante outro artífice, a da degenerescência da raça, oriunda do ambiente em que se desenrola a atividade, do meio que afeta a população e da cultura que exerce, que ao longo de constantes usos e desusos, suavemente assegura ao descendente novas características a serem exercidas. Garantindo à “origem” um caráter cronológico, de uma origem Caucasiana que se difunde, tanto nas raças e suas particularidades, quanto das sub-raças ou nacionalidades que são oriundas de dada branquitude.⁸

⁷ Tradução própria do original em espanhol.

⁸ Leio o branquitude perpassado pelas considerações de Sueli Carneiro: “Assim, sob a égide do biopoder no polo subordinado da racialidade, as desvantagens se manifestam desde a infância, em que se acumulam fatores genéticos com condições desfavoráveis de vida para inscrever a negritude sob o signo da morte. Como contraponto, a branquitude se configura como signo que se consubstancia na maior expectativa de vida, nos menores índices de mortalidade e morbidade como consequência de seu acesso privilegiado aos bens socialmente construídos. Porém o que advogamos aqui é que o “deixar viver e deixar morrer” define as condições de vida e de morte a que a racialidade estará submetida em todos os seus vetores pelo poder de soberania que a informa e que decide sobre o valor de cada vida e de cada morte no âmbito da

Ao comentar acerca de outras raças e o lugar de sua degenerescência, o Oriente muçulmano é implementado recorrentemente como evidência da superioridade branca/latina/romana e modo narrativo de decadência ocidental a partir da derivação. O “oriente próximo”, mesmo que partindo de uma mesma origem caucasiana, dentro do mundo ficcional aqui analisado, é como referente para uma exceção ao civilizado, e enquanto exceção traz consigo características do animalesco, do hiper sexual – referindo-se à poligamia –, bem como de uma presença desviante da norma civilizacional e do vetor teleológico. O Oriente garante tanto o exemplo de exceção ocidental – fortalecendo o argumento de uma capacidade do controle das características populacionais através do meio – concomitantemente como o Outro próximo.

A construção do Oriente como figura de decadência degenerativa vai desde algum exemplo a ser evitado e endireitado, até, como contraponto formador da sexualidade, de qualquer maneira, os dois elementos se misturam, falar de raça é ao mesmo tempo inferir a maneira que se reproduz, e assim Caicedo faz no capítulo “*Disertacion Histórica*” (Caicedo, 1875, p. 311), numa rápida narrativa acerca do direito ocidental, seu apogeu e decadência:

Desde que a Meia-Lua penetrou na última trincheira do Oriente, onde havia se refugiado a civilização romana; desde que Maomé II se apoderou de Constantinopla, pode-se dizer que a ignorância e todos seus desvios se instalaram alí, aniquilando assim a mais bela porção do mundo civilizado dos Romanos do Oriente [...] (Caicedo, 1875, p.311).

Perdoa-nos esta rápida digressão sobre o espírito da legislação maometana: ela nos tem sido indispensável para destacar a sabedoria da jurisprudência romana, e porque era preciso manifestar os princípios que sucederam no Oriente após a civilização dos Romanos (Caicedo, 1875, p.319-20).⁹

Ainda que em uma origem comum, já em 1846, o ocidente, juntamente ao direito romano, não se confunde com o Oriente, como já analisara Edward Said, formula-se como o seu oposto, por uma série de signos, práticas e pelo clima (2007). A origem não garante uma semelhança de fim, pois há aí uma excepcionalidade branca. A origem não evita a hereditariedade suave e nem definição a partir do ambiente, nem dos tênues desvios familiares que definem a população e sua herança, falar aqui de uma origem não se trata de uma igualdade, muito pelo contrário, é a capacidade de definir uma excepcionalidade, àquele que teve mérito pelo percurso que fez, enquanto garantia dos melhores genes para as futuras gerações.

racialidade”. Carneiro, Sueli. O biopoder: Negritude sob o signo da morte. In: Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023, p. 63.

⁹ Tradução própria do original em espanhol.

Said e Jasbir Puar demonstram as relações entre um oriente próximo como função de excepcionalidade, proponho uma análise de dois movimentos: 1. uma orientalização do oriente (Said, 2007, p. 105), e o faz através do saber do discurso sobre a raça, enquanto processo de construção imaginativo discursivo que reafirma as a qualidade oriental do perigo, um perigo que reforça a identidade de um ocidente, esse conhecimento em Caicedo é formulado por uma leitura histórica do cristianismo, como analisaremos depois, reflete um argumento acerca do desvio à orientação do pastor, desvio que é também racial e sexual; 2. O sujeito de excepcionalidade e o Estado de exceção, em Puar o conceito indica distinção por excelência, aqui encontramos enquanto meio de comparação ao oriente, uma excelência sobre o sujeito que não se manteve na linha teleológica do progresso, é atrasado e anacrônico (Puar, 2024). Ao mesmo tempo, indica uma medida de tecnologia, a qual exploraremos melhor no segundo capítulo, sobre a formulação do Estado de exceção que maquina a lógica de otimização da vida, ao qual aqui lemos enquanto a Meta-América Latina, isso é, a ficção de América que prevê o fim de uma degeneração da raça e uma valorização da reprodução – que indicado pela autora e como retomo posteriormente, relaciona-se também à um excepcionalismo sexual (ibid) –, é a isto que me refiro como um excepcionalismo branco.

A “degenerescência” em Caicedo (1875, p. 267) lida junto a noção de uso e desuso de Lamarck, não se dá no campo genético como ciência consolidada, mas sim em uma hereditariedade do uso e desuso, da relação entre corpo e ambiente e da prática superior. O hábito da branquitude se faz superior por uma progressão gradual, do mais simples ao mais complexo, dessa maneira a miscigenação não aparece enquanto entropia, ou decadência gradual, pois, ao que parece, quebra com uma imutabilidade dentro da noção de raça, e organiza o conceito em um processo teleológico de progressão. (Burkhardt, 1977)

Em uma análise mais próxima dessas leituras, é perceptível ainda a influência da noção de degenerescência em Buffon. Em um artigo sobre a variabilidade e mutabilidade orgânica, o autor retoma as diferenças entre animais comuns no velho e novo mundo, notando uma interferência das condições ambientais que poderiam causar algum tipo de alteração na população, os animais europeus se encontravam em um porte físico maior e mais “viril” que a contrapartida americana. Essas afetações, especulou, poderiam acontecer de maneira gradual dentro de um corpo populacional da mesma geração, propondo posteriormente que seriam afetadas principalmente pelo: clima; nutrição; e domesticação. No sistema de Buffon, entretanto, a variabilidade seria capaz apenas de produzir uma mutabilidade dentro de uma

categoria fechada entre a espécie já pré-existente, há então, uma essência anterior e transcendental, confirmada e definida pela capacidade reprodutiva, que se mantêm, ainda com as possíveis variações dadas pelo ambiente. Caicedo não é o responsável por transpor essa leitura para a noção de raça, o próprio Buffon já adianta essa possibilidade, referindo-se ou ao se referir à possibilidade de interferência nessa condição de variabilidade (Burkhardt, 1977)

Ainda que Lamarck não se aproxime diretamente do termo degenerescência, a racialidade em Lamarck, bem como é recepcionada por Caicedo, possui uma leitura um tanto parecida com a de Buffon. A variabilidade que propõe é exercida por uma lógica de dois fatores, (1) o poder da vida, aqui percebido enquanto um vetor de uma ontologia natural, ou um “plano natural”; (2) e a ocasião accidental, o fator que interfere no vetor e influencia uma organização progressiva. A racialidade, então, não é compreendida diretamente como degenerescência, mas enquanto desvio de um percurso, o contorno de um dado plano natural que segue um caminho de maior complexidade. Ainda que seja inconsistente, a visão de Lamarck acerca da variabilidade prevê não uma degradação da espécie através de sua variabilidade, mas um fator natural de desvio de um percurso permanente em curso para uma maior complexidade orgânica, o que se refere como “la marche de la nature” (Burkhardt, 1977, p. 145).

A marcha natural do telos não se limita ao quadro de alteridade não branca, o processo alopólitico discursivo não acaba na definição do outro, a condição de Outro define a própria identidade, e nesse caminho Caicedo retoma o biólogo francês para compreender uma taxonomia do corpo em que se reconhece. O branco, ou caucasiano, também é compreendido enquanto raça, e compartilha então suas ramificações, sub-raças, das quais volta a Lamarck para formar sua somateca taxonômica (Caicedo, 1875).

O corpo branco também está posto dentro da lógica adaptativa do progresso biológico, gerando diversos braços, que formariam então as nacionalidades em seu pensamento. A excepcionalidade branca, entretanto, garante o pertencimento a uma noção de progresso, ou melhor, de conflito pelo progresso, oriundos de um ramo que não equivale à degenerescência, pois ainda se vincula à hereditariedade da moralidade cristã de descendência romana.

É nesse passado romano que se encontra um lugar de ambiguidade entre a superioridade moral, e a existência de uma maior simplicidade, retomando a noção de uma linha progressiva de complexidade. Caicedo expõe essa relação ao perspectivar um atraso dos antigos, comentando sobre a ausência de direitos dos homens, em uma política de despotismo ou fortuna, em uma ausência do progresso. Um exemplo disto seria a organização familiar com

um pai tirano sobre o lar, e a existência da escravidão – ambos sintomas de uma legislação não cristã “uma sociedade gangrenada” (Caicedo, 1875, p.287):

Falamos rapidamente do indivíduo e da família, para demonstrar mais profundamente o estado doloroso em que se encontravam estas sociedades, estando comprometidas em suas bases. Começando por Licurgo e Minos, e terminando na legislação cristã dos Romanos, se descobriria melhor o verdadeiro estado daquelas sociedades gangrenadas, onde se estabelecia a escravidão mais atroz, as mulheres degradadas, o lugar doméstico corrompido. (Caicedo, 1875, p.287).¹⁰

Veja que o problema não está necessariamente na ordem patriarcal em si, mas sim em seu despotismo em relação à disposição familiar, o que fará ainda mais sentido levando em conta suas posições acerca do imperialismo espanhol onde discorre no volume II de *Mis Ideas y mis Principios*. Ao mesmo tempo, essa dinâmica é posta sobre a noção de direito, ainda que encontre uma aparente ausência dos direitos humanos enquanto postulação universal, os romanos seriam responsáveis pelo germe humanista, como “primeira base” para possibilitar um futuro em que isso seria possível.

Mesmo em seu atraso, o passado caucasiano é excepcional se comparado a suas contrapartidas, seria ainda o link com o seu presente, neste emaranhado de correntes dispersas o humanismo, como doutrina da razão universal, é latino – enquanto raça biológica, falamos aqui de um humanismo genético – e cristão (Ardao, 1980) (Caicedo, 1875). Esta origem latina dá protagonismo à herança europeia. Os olhares voltam-se à Espanha e França como germinadoras de uma latinidade além-mar, a primeira encontra o lugar de apogeu no movimento colonizador e no genocídio americano, tomando Cortez como um dos grandes nomes que formulam uma identidade latina, porém confere também um lugar de passado. Já a contemporaneidade latina estaria por responsabilidade de Napoleão III em um novo momento da colonização em suas intenções de ocupação do México (Caicedo, 1875).

Em resumo encontramos quatro importantes considerações acerca das leituras de Caicedo sobre a história natural que formulam e atravessam sua própria narração ficcional sobre a latinidade: 1. A dinâmica de dois fatores – lendo as contribuições de Lamarck, Caicedo reelabora noção de dois fatores em uma dupla lente com Buffon, a raça é então produtora de uma relação entre um plano essencial atravessada por afetações de seu ambiente em sua condição de aleatoriedade; 2. Origem unívoca – decorrente da primeira questão, a origem mesma confere um lugar natural de onde se origina o ser humano, essa condição caucasiana

¹⁰ Tradução própria do original em espanhol.

possui em si um vetor de progresso, e sua variabilidade aparece enquanto desvio de um plano dado; 3. A possibilidade de regeneração das variações – uma origem mesma não impossibilita, como coloca Buffon, uma conversão para a marcha natural dentro de um plano controlado, uma vez que ainda se trata de uma mesma espécie; 4. Marcha Natural – o fluxo está dado, de uma condição menos complexa que caminha intermitentemente a uma de maior complexidade, como posto no caso romano, a condição de menor complexidade não equivale a um desvio, este é comparado à degenerescência, e enquanto exemplo do Oriente, está também relacionado à moralidade e não apenas ao clima ou à dieta.

Uma leitura que não se limita a Caicedo, mas se localiza em um campo intelectual entre autores eugenistas hispanos e luso-americanos, crescente em fins do século XIX. Em *Subordinação racial no Brasil e na América Latina: o papel do Estado, o Direito Costumeiro e a Nova Resposta dos Direitos Civis* (2017), Hernández compreende um amplo uso e a preferência de uma abordagem lamarckista da eugenia na América do sul – ou, na América tornada latina – neste específico círculo, o pensador francês aparece de maneira recorrente como modo de homogeneização da raça através da miscigenação genética. O processo de formulação de uma identidade nacional e internacional latino-americana não pode ser diferenciado de um processo de seleção de características, se visto pelas leituras de Lamarck. Daí decorre a noção de uma raça superior/transcendente, em que há a “assimilação” voluntária das raças não-brancas.

Hernández (2017) escreve sobre a especificidade destas considerações se comparadas ao projeto eugênico mendeliano, enquanto Mendel prevê uma seleção genética dada em uma lógica de separação dos genes considerados inferiores dentro da população – onde não há intenção de incorporar o agente alienígena ao corpo normal –, a miscigenação é alvo de atavismo, representa uma mistura não natural. Em Caicedo, o corpo de exclusão ocupa outro espaço no plano, uma vez que a marcha natural é dada como fato, os desvios da raça podem ser remediados e incorporados e transformados em um corpo correto, por uma série de planos que acompanhem e disciplinem os desvios do caminho natural. Retomando a noção de um uso e desuso dos órgãos a miscigenação assume a resposta para a volta à ordem.

Stepan (1991) aprofunda a leitura e recepção do lamarckismo e neo-lamarckismo entre os intelectuais americanos, produzindo um mapeamento acerca dos campos que incorporam a noção de uso e desuso. O autor indica duas aproximações com a tendência desta abordagem, em contrapartida ao mendelismo, darwinismo ou weismannismo: 1. Uma conexão próxima com

a academia francesa de biologia, filiando-se a uma conexão com sua produção, juntamente com uma relação cultural religiosa. 2. Lamarck, em uma elaboração do processo evolutivo que indicasse uma proximidade com a teologia, tanto em contraposição ao materialismo darwinista, bem como em um lugar de origem e ordem, remedia e modela o corpo da diferença, sendo possível sua assimilação, “politicamente, ideias neo-lamarckistas justificaram a crença de que o esforço humano teria um sentido, que melhorias adquiridas em uma vivência individual teriam efeito geneticamente, que o progresso poderia ocorrer.”¹¹ (Stepan, 1991, p. 74).

HUMANISMO E FRONTEIRA

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. Ora — e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu — quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco. Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude... Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca. Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio. (Fanon, 2020, p. 79)

Fanon nos introduz a uma coerência entre o processo de fronteirização do sujeito colonizado e a filosofia humanista moderna, mais especificamente acerca da produção francesa, há ainda, sobretudo, uma relação que produz a noção de desvio, em um processo para definir o sujeito e o corpo a serem valorizados pelo biopoder. Lendo de maneira similar – ainda que não sobre o biopoder, mas sobre a formulação de um sujeito racializado –, Susan Buck-Morss (2008) analisa as contradições acerca da postulação sobre a liberdade dentro da filosofia iluminista europeia e estadunidense. Mesmo com a presença dos movimentos abolicionistas, indica que raramente estes movimentos pregaram por uma igualdade de direitos raciais, ou por repensar as hierarquias formuladas pelo saber/poder europeu no contato colonial. Muito pelo contrário, em Rousseau, traça uma investigação acerca de sua posição sobre a abolição, ainda que tenha tornado presente em seus escritos a noção de liberdade como direito do homem, o autor omite qualquer posição acerca dos milhões de escravizados existentes nas colônias ultramarinas francesas. (Buck-Morss, 2009).

Em relação à França, as instituições do dispositivo de racialidade (Carneiro, 2020) não se limitam ao discurso, o direito aparece como central para as políticas de alteridade, em *le code noir* (implementado em 1685 por Luis XIV), conjunto de leis oficiais acerca da posse e da

¹¹ Tradução própria do original em inglês.

escravização de negros, demonstrando uma permanência de políticas de escravidão pelo Estado Francês que iriam ser alteradas apenas em 1848. Em uma investigação orientada por outros modos de controle, que não apenas os raciais, contendo a produção do saber europeu de poder sobre o seu próprio Estado, Michel Foucault (2014) também remonta à formulação de um iluminismo que, a partir das formulações do corpo normal em oposição ao anormal, também orienta a produção de um outro ao humano, idealizado pela sociedade disciplinar, “As ‘Luzes’ que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas.” (Foucault, 2014, p. 243)

Caicedo traz uma perspectiva própria acerca do saber das luzes enquanto pensamento liberal/ racional/ universal, no autor o racionalismo aparece através de usos de um léxico do pensamento iluminista e de outras correntes com as quais dialoga, como o pensamento republicano, a convergência que será de nosso interesse principal neste momento é aquele que dá o caráter fraternal e mais explicitamente universal, o cristianismo. A razão do espírito está tanto na concepção ontológica da raça, como comentado anteriormente, na concepção de direito universal do homem, e ainda, atrelado a uma noção de libertação, ou emancipação através da razão, a fraternidade de que fala se relaciona como ponte, entre o moderno e o transcendente, “[a] fraternidade é o espírito, o resumo do código de Jesus. Séculos e séculos se passaram com afronta, servidão e desgraça: o homem subjuguou o homem, lhe tirou seus direitos e o fez escravo, e o degradou”¹² (Caicedo, 1875, p. 107-108).

Assim como a eugenia (neo)lamarckista, a via de um humanismo evangelista, de caráter católico, tornou-se uma leitura presente em intelectuais sul-americanos do século XIX. Bonilla (1990) demonstra duas importantes recepções que aparecem repetidas vezes: 1. Um liberalismo econômico de mercado – assim como o próprio conceito de liberdade europeu, que se destrincha em meio à liberdade de imprensa – e; 2. Emancipação anti-imperialista, o que se torna crucial aqui para compreender o suposto conflito e as “contradições” humanistas, ao declarar a autoafirmação e independência da Espanha, uma vez que, conseqüentemente, teriam de “reconhecer que eram iguais aos índios e deviam permitir a liberdade da população subordinada no México, Argentina, Peru e Bolívia.” (Bonilla in: Coggiola, 1990, p. 151).

Retomando o caráter que distingue uma intelectualidade humanista hispanófono americana, Adorno (1990) identifica enquanto mais importante distinção, o deslocamento de um movimento anticlerical e anti-aristocrático – como torna-se presente nos revolucionários burgueses europeus – por uma racionalidade anti-metrópole, o sentimento de revolta como

¹² Tradução própria do original em espanhol.

modo de formação de grupo revolucionário volta-se, não contra as antigas instituições da elite aristocrática e católica, mas dos privilégios exercidos pelas coroas portuguesa e espanhola. (Adorno, in: Coggiola 1990, p. 183).

Leio Caicedo em outra medida. Não necessariamente pela “contradição” interna de sua lógica, mas para compreender que postular uma emancipação não é uma contradição ao exercício de outrificação colonial, mas sim uma medida que acompanha o projeto emancipatório humanista e apenas por ele se faz possível. Para definir os limites taxonômicos do humano, formula-se aquilo que ele não é, ou o desvio para onde não se deveria seguir, pois junto, há a organização do corpo que escapa. Ao identificar o código de Jesus, e as características que permeiam a marcha natural, ele aponta em outra medida as possibilidades de caminhos a não se cruzar, os caracteres que são combinações que não se encontram no *prompt* de comando.

Uma Orthogenesis – a condição anterior transcendente, o espírito que habita a leitura da materialidade orgânica e de origem da espécie - como sentido que se organiza a população, como fim transcendental em que organiza e orienta o rebanho, demonstra-se novamente quando Caicedo determina as características formadoras de uma nação “verdadeira”. Relacionando as noções de raça e sub-raça para a formação de uma identidade latina, elencando 6 características necessárias: 1. Uma Capital; 2. Um Centro de ação intelectual e político; 3. Fronteiras bem definidas; 4. Completa homogeneidade de raças; 5. Instituições; 6. Tradições de visões e tendências. (Caicedo, 1875).

Em seu circuito, a fraternidade é o fundamento da tolerância, progenitora da paz. A paz decorre da “fraternidade” (Caicedo, 1875, p. 117). E seu uso é tomado de medida contrária ao uso na revolução francesa, busca se desvincular de uma orientação revolucionária, o que considera o “radicalismo jacobino”, distinguindo-se de outras linhas do humanismo radical e outras linhas e perspectivas de liberdade, como dos movimentos socialistas e anarquistas. Em uma linha contrária, o autor propõe um outro tipo de projeto, fundado em três princípios: 1. Construção de um espírito do trabalho e na criação de um interesse material nas bases para a prosperidade estadunidense; 2. Também que se diminua o Estado, que se valorize o indivíduo, que o povo tenha maior poder, que se emancipe a igreja do estado; 3. Não se inverta a pirâmide populacional. (Caicedo, 1875).

Caicedo não encontra, nem mesmo propõe quaisquer sentidos de igualdade ontológica pelo que chama de raça etíope. A noção de fraternidade é usada de modo muito cuidadoso pelo

autor, sendo construída ao redor de anos de produção intelectual, ou seja, não se trata de uma busca por reformulação das construções hierárquicas. A fraternidade é aqui um dispositivo, tecnologia de produção de um desejo, na qual encontra, como modo discursivo, um projeto de biopoder. Ao organizar uma convivência entre as diversas raças em uma mesma região – a América latina – surgiria um novo futuro, a partir da reprodução e conformação ao código, dispositivo bioárquico¹³.

O corpo de exceção, já retomado diversas vezes, dá-se em sua condição desviada, e, portanto, precisa ser endireitado, por isso, encontram-se no limiar do humano e no espaço de fronteira, onde a violência de incorporação é permitida. Para que isso ocorra é necessária uma convivência com o repulsivo, precisam ser tolerados, conhecidos. A identificação desse sujeito é possível a partir de dois movimentos, o da taxonomia e do silêncio.

Já falamos no tópico anterior sobre a especificidade islâmica, e a oposição de fronteira que ocupa com o ocidente europeu, vizinho dos gregos como menciona, e sua paranoia sexual que será discutida posteriormente. Há ainda um perigo extra-temporal, nas fronteiras americanas, de um atraso em relação ao projeto teleológico que encontra na população nativa e africana. Em seus três volumes de *Mis Ideas y mis Principios*, a população indígena é posta em dois papéis, o de sua possível assimilação à civilização e moralidade cristã e o da possibilidade de extermínio para uma hegemonia racial, como feito no projeto estadunidense. Cabe imaginar, entretanto, que a oposição aqui se faz pelo silêncio, já que o discurso, ao não comentar diretamente, não externaliza o corpo indígena, mas o incorpora dentro do projeto de miscigenação. Na mesma medida, a população negra é citada em alguns diferentes contextos, em espaços de comércio, de incorporação condicionada e de oposição direta à branquitude.

O corpo humano – em oposição ao monstro inumano degenerativo/desviado – aparece também de maneira recorrente, encontra-se no que categoriza enquanto *sub-raça* ou nacionalidades. Retomando sua taxonomia da raça caucasiana, sua diferença não está ligada a uma natureza, mas enquanto prática moral, ao que se coloca a questão da soberania. A oposição se dá entre dois principais personagens, Espanha e Estados Unidos - ou a raça anglo-saxã. Para definir a latinidade, Caicedo recorre novamente ao mecanismo temporal, aos brancos a análise se faz dentro da linha cronológica. A raça latina cabe às vitórias do passado, à origem da

¹³ O dispositivo bioárquico funciona de maneira a, em oposição à vida enquanto potencialidade, compreender a vida enquanto espaço murado, e é dessa definição biológica que se encontra o limite corporal. Esse limite não se faz apenas pela exclusão na fronteira, mas também pela inclusão à hierarquia, e aí está a especificidade da alopolítica e sua inclusão exclusiva (Matos; Collado, 2021, p.93).

civilização romana, aos heróis modernos que dão base ao presente, mas no século em que é contemporâneo, um desconforto é preenchido com o lugar da latinidade, enquanto o presente seria espaço da raça anglo-saxã. Ainda que o autor se oponha a esta resposta definitiva, é possível a percepção de que há um conflito pelo presente, e esse conflito civilizacional não se opõe apenas às outras raças. Quanto à Espanha, a oposição se coloca não na colonização ou dominação de outros povos, mas sim na impossibilidade de independência de novas federações.

O discurso não se torna a parte da ação, é uma ação em si, que permite e permeia as relações e o empreendimento colonizador de embranquecimento. Disposto em um lugar de oposição, o conflito na Meta-América latina de Caicedo se dá enquanto conflito por soberania, de um território que não se encontra apenas na terra, mas na população, no corpo. A disputa trata de uma colonização e controle interno, entre os interesses anglo-saxões vindos dos Estados Unidos, bem como do interesse colonial Espanhol. Trata-se de uma independência pelo direito próprio de soberania, nesse caso o próprio direito de morte e exceção, de formação de fronteira extra e intracorpórea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo com uma rápida consideração ao que entendo enquanto dispositivo de fraternidade. O dispositivo atua aqui enquanto rede, que estabelece a conexão entre o “dito e o não dito”, que aparelha a formulação entre as instituições e discursos e, que aparece enquanto resposta estratégica em relação a um problema, uma urgência. Se compreendemos aqui enquanto resposta, Caicedo formula seu conceito de fraternidade como uma resposta ao problema que assola a união entre a racialidade: uma não homogeneidade. E responde dentro de uma lógica interna, promovida dentro de uma série de regras ligadas à biologia lamarckista, a taxonomia das raças buffoniana, o humanismo liberal hispano-americano e um cristianismo católico. Assim, a fraternidade enquanto discurso alça uma segunda função, narrativa, de estabelecer a conexão entre os conflitos e produzir uma possibilidade de construção de uma linha histórica latina dentro destas determinadas demandas. Conecta as diferentes instituições e marcadores, dentro de uma racionalização que responde a um problema, e com isso produz uma rede de proposições morais e de outros dispositivos. A fraternidade, ainda, não está isolada, mas perpassada e conectada a uma constelação de outras postulações.

A democracia racial ocupa, na mesma medida que fora comentado antes, uma dupla proposição. Uma interna ao discurso, enquanto produz um imaginário ficcional sobre o eu (White, 1992) – resposta estratégica ao que é possível ou não àquele corpo (Butler, 2019) –, neste caso da impossibilidade da constatação de uma hierarquia racial e da produção de uma diferença pelo colonialismo, admitindo dentro de um mito a sua qualidade de ordem e de positividade a uma identidade nacional. Como segunda função, a democracia racial estabelece, em movimento tentacular, o abraço a outras instituições de produção do sujeito, estabelecendo uma relação entre o limite populacional e o desejo de branqueamento, na medida em que os dispositivos se enredam, o imaginário narrativo em que o corpo e objeto se relacionam com seu limiar de possibilidade.

Encontro um movimento parecido sobre o eu latino de Caicedo, e a elaboração de uma ordem similar à da democracia racial, em seus próprios moldes, como forma de construção discursiva e ficcional de um ideal branco que, retomando Carneiro, só pode ser construído a partir do outro. De uma delimitação do anormal como função definidora do normal, ou seja, na função bioárquica e de cisão do corpo dentro de um determinado circuito narrativo. De que maneira a produção da América latina de Caicedo se relaciona então com as instituições de seu momento?

Caicedo indica em seu discurso a possibilidade de sucesso apenas através da homogeneidade de uma raça para a nação. Como explicitado antes, seria este processo de aniquilação de outras epistemologias e racialidades que permite o progresso, neste caso, atrelado à França em si, como capaz de auxiliar no plano de embranquecimento ou, de latinização da América. É possível a percepção de um reforço desse argumento na avaliação do projeto de modernização estadunidense – construído a partir do avanço para o oeste e o genocídio da população nativa da América do Norte – o autor, ainda que mantendo a superioridade Latina, identifica o lugar de um crescimento constante do novo projeto de nação como um modelo a ser seguido, em um plano de ação e disposição das instituições que esteja atrelado ao humanismo liberal, e portanto à biopolítica, colocando que, se à raça latina está reservada a origem de um processo civilizacional e à sua propagação, é a ela que detém o “porvenir”. (Caicedo, 1875, p. 191).

Em uma construção somática que siga o código divino, possível pela miscigenação fraternal, a imigração soa como saída em relação aos incômodos que assolam o imaginário de atraso da América latina, uma possibilidade para um embranquecimento a partir da construção

de um novo sistema de desejo hétero reprodutivo do corpo branco, a salvação para o atraso, consequência do corpo desviado que reside no limiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDAO, Arturo. **Génesis de la idea y el nombre de América Latina**. 1º ed. Caracas: Centro de Estudios Latinoamericanos Romulo Gallegos, 1980. Pp. 65-99.

BUCK-MORSS, Susan. **Hegel, Haiti, and Universal History**. 1ª ed. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2009. Pp. 21-79.

BURKHARDT, Richard. **The spirit of system: Lamarck and evolutionary biology**. 1º ed. Cambridge: Harvard University Press, 1977. Pp. 76-186.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. 1ª ed. São Paulo: n-1 edições e crocodilo edições, 2019. Pp. 19-113.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. Pp. 7-71.

CAICEDO, José M. T. **Mis Ideas y mis Principios**. 1ª ed. Vol I. Paris: Imprenta Nueva (Asociacion Obrera), 1875. Pp. 1-416.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. Pp. 23-82.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Revolução Francesa e seu impacto na América Latina**. 1ª ed. São Paulo: Nova Stella Editorial, 1990. Pp. 151-183

COLLADO, Francis; MATOS, Andityas. **Para além da biopolítica: Biopotencia, bioartiquia, bioemergencia**. 1ª ed. São Paulo: sobinfluencia edições, 2021. Pp. 86-102.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. 1ª ed. São Paulo: Ubu editora, 2020. Pp- 79-99.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Pp. 151-221.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. Pp. 223-251.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. 1ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2023. Pp. 9-23.

HERNÁNDEZ, Tanya. **Subordinação racial no Brasil e na América Latina**: o papel do Estado, o Direito Costumeiro e a Nova Resposta dos Direitos Cíveis. 1ª ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2017. Pp. 31-53.

PRECIADO, Paul. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. Pp. 25-47.

PUAR, Jasbir. **Agenciamentos terroristas**: homonacionalismo em tempos queer. 1ª ed. São Paulo, Campinas: crocodilo edições e Editora da Unicamp, 2024. Pp. 45-103.

RAGO, Margareth. As Marcas da Pantera: Foucault para Historiadores. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 4, n. 5, p. 22–32, 1993.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2007. Pp. 85-114.

STEPAN, Nancy. **The hour of eugenics**: race, gender, and nation in Latin America. 1ª ed. Nova Iorque: Universidade de Cornell, 1991. Pp. 63-102.

WHITE, Hayden. **Meta-História**: a imaginação histórica do século XIX. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. Pp. 17-56.